

As Rapadureiras de Bonsucesso: Personagens Vivas de uma Produção Associada

Edson Caetano¹

Eloisa Rosana de Azeredo²

Resumo:

Atualmente o sistema capitalista é marcado pelo modelo de acumulação flexível. Em resposta a essa realidade, outras configurações de trabalho ganham forma e buscam se opor e resistir a ótica alienante e competitiva do modo de produção vigente. A economia popular solidária é uma alternativa para aqueles que, no decorrer da história, vêm lutando para assegurar a sua existência dentro da sociedade e a socialização de seus saberes, de sua cultura e de seu modo de vida. Portanto, este artigo busca estabelecer algumas reflexões quanto ao campo trabalho e educação através de pesquisa junto às rapadureiras de Bonsucesso – MT. Tomando como referência as contribuições teóricas formuladas por autores do campo marxista e os dados empíricos coletados, refletimos acerca da importância da Pedagogia da Produção Associada.

Palavras-chave: trabalho e educação, trabalho associado, economia popular, cultura do trabalho.

Introdução

Consideramos importante iniciar a presente reflexão com um pequeno recorte sobre a transição do paradigma fordista/taylorista de produção para a o processo de acumulação flexível do capital e as consequentes mudanças nas relações de trabalho. O objetivo é traçarmos um caminho até o momento em que, em contraposição à lógica capitalista, encontramos exemplos de economia popular solidária onde a produção e legitimação de saberes ocorrem para e no trabalho associado.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1991); Docente do Instituto de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação UFMT, Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação. caetanoedson@hotmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT - Campus Juina, Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho e Educação. eramontenegro@yahoo.com.br

Chegando ao cerne de nosso trabalho poderemos então explicitar um pouco mais sobre o que consiste o trabalho associado, utilizando-se de algumas reflexões estabelecidas através de pesquisa empírica realizada com as rapadureiras de Bonsucesso, residentes no distrito de Várzea Grande – Mato Grosso. O trabalho é realizado por familiares e o saber-fazer é passado de geração em geração e é visto, pelos trabalhadores que dele participam, não como algo alienante, mas enquanto possibilidade concreta de garantir “a própria reprodução ampliada da vida”.

Assim, tomando como referência as contribuições teóricas formuladas por autores que se situam no campo marxista e os dados empíricos coletados, refletiremos acerca da importância da Economia Popular Solidária e da Pedagogia da Produção Associada para o resgate do trabalho como algo inerente ao processo educativo e à própria condição humana.

A crise do capital e o regime de acumulação flexível

O regime de “acumulação flexível”, de acordo com Harvey (1992), surgiu como uma tentativa do capitalismo de se sustentar, superando a crise instalada com o desgaste do modelo fordista-taylorista que vigorava na época. Este modelo era caracterizado pela produção em massa, pela fragmentação e especialização das tarefas, pelo controle do tempo e movimento do operário e na remuneração por desempenho (Cattani 1997).

Antunes apresenta alguns elementos que explicitam a configuração deste sistema de produção para o século XX:

(...) entendemos o fordismo *fundamentalmente* como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre *elaboração e execução* no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do *operário-massa*, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões. (2010, p. 24-25)

Observa-se na fala do autor que o fordismo juntamente com o taylorismo, predominou na grande indústria capitalista ao longo do século XX e ainda não foi totalmente superado. No entanto, devido a pressões competitivas ocasionadas pela concorrência japonesa, as manifestações operárias explicitando o seu descontentamento

com a rigidez da organização do trabalho fordista, a crise do petróleo³ na década de 1970, entre outros fatores, iniciou-se um processo de declínio deste sistema⁴, cujo efeito mais visível do lado do capital foi a queda generalizada na lucratividade. Em resposta a esta crise, surge o regime de acumulação flexível.

Para Harvey (2007 p.140) a acumulação flexível:

[...] é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

O toyotismo ou o modelo japonês tornou-se o principal modelo do regime de acumulação flexível e, ao contrário do fordismo, sua produção consiste, como o nome já diz, por ser altamente flexível e adaptável às necessidades do mercado consumidor; no entanto isto não pode ser visto como algo positivo para a classe trabalhadora pois os seus objetivos são os de atender aos anseios do capital. “Desse modo, a produção sustenta-se no melhor aproveitamento possível do tempo de produção” (Antunes, 2010, p. 33) e no aproveitamento do trabalhador em manusear mais de uma máquina (polivalência do trabalhador).

Gounet (1992), citado por Antunes (2010) nos mostra ainda que este sistema presume uma forte intensificação da exploração do trabalhador através de sistemas desumanos de produção⁵.

Outro ponto importante que deve ser levado em conta neste sistema é a flexibilização dos direitos do trabalhador e a utilização do menor número possível de força de trabalho, utilizando-se, quando necessário de horas extras, trabalhadores temporários ou subcontratações. Diante deste processo o nível de desemprego aumenta significativamente, e fica a cargo do indivíduo a capacidade de inserção e manutenção

³ A elevação do preço do barril de petróleo na década de 1970 ocorreu devido a noção de que este é um recurso natural esgotável.

⁴ “A superação dos limites sociais, técnicos e econômicos do fordismo é, ainda, um processo em desenvolvimento, conforme apontam vários analistas como Leite (1994) e Miranda (1993)”. (CORRÊA, in CATANI, 1997)

⁵ A este respeito, ver Antunes (2010, p.34) e Gounet (1991 e 1992) que fala sobre a atuação dos operários em diversas máquinas simultaneamente através de um sistema de luzes que possibilitam ao capital intensificar sem sufocar o ritmo produtivo do trabalho.

no exercício do trabalho, sendo atribuído a ele em particular o sucesso ou o fracasso profissional.

Frente a todo esse desconcerto respaldado pela ideologia da política neoliberal⁶ inicia-se uma fase onde “pequenos negócios e, em alguns casos, sistemas mais antigos de trabalho doméstico, artesanal, familiar (patriarcal) e paternalista (“padrinhos”, “patronos” e até estruturas semelhantes à da máfia) revivem e florescem, mas agora como peças centrais, e não apêndices do sistema produtivo.”(Harvey, 2007)

Embora em cada lugar (comunidade, região, país) estas alternativas de trabalho tenham se construído por diferentes motivos e representações, elas devem ser levadas em conta como uma oposição ao modo de controle do trabalho e de emprego. Harvey (2007, p. 145), esclarece que:

Às vezes, indicam o surgimento de novas estratégias de sobrevivência para os desempregados ou pessoas totalmente discriminadas (como os haitanos em Miami ou Nova Iorque), enquanto em outros casos existem apenas grupos imigrantes tentando entrar num sistema capitalista, formas organizadas de sonegação de impostos ou o atrativo de altos lucros no comércio ilegal em sua base. Em todos esses casos, o efeito é uma transformação do modo de controle do trabalho e de emprego.

Atualmente, ao caminharmos pelos grandes centros urbanos, periferias ou zona rural; é muito comum encontrarmos os mais diversos tipos de organização do trabalho, entre elas, o trabalho informal, o trabalho por conta própria, o trabalho infantil, o trabalho escravo, o trabalho cooperativo, o trabalho associado, o subemprego, as atividades ilícitas, onde algumas têm o objetivo de sobreviver frente ao regime instalado, já outras com uma ótica mais exploratória. No entanto, em todos estes casos, o resultado é uma transformação e até, de certa forma, uma oposição, ao caos imposto pelo modelo capitalista. E é a partir deste contexto que acreditamos que tenha surgido/ressurgido, como alternativa de negação à lógica vigente a economia popular solidária.

⁶ Entende-se que a ideologia neoliberal ou neoconservadorismo compreende uma concepção de indivíduo (singular, competitivo, calculista, possessivo), uma concepção de sociedade (tomada como meio de o indivíduo realizar seus propósitos privados) fundada na ideia da natural e necessária da desigualdade entre os homens e uma rasa noção de liberdade (vista como função da liberdade de mercado). A respeito disso ver NETTO; BRAZ, (2007, p. 226).

O trabalho associado dentro de uma economia popular solidária: uma possibilidade de oposição ao capitalismo

A economia popular solidária começa a ser pensada a partir da crise do trabalho assalariado advinda da reestruturação produtiva e nasce como alternativa de sobrevivência dos trabalhadores e trabalhadoras pertencentes aos setores populares, buscando garantir a reprodução ampliada da vida.

Este subsistema⁷ apresenta uma série de características, entre elas destacamos que o mesmo situa-se no âmbito dos setores populares; a produção não objetivando a obtenção da “mais valia”, mas a “reprodução da própria vida”; a colaboração e cooperação solidária entre os envolvidos; a união no enfrentamento de um conjunto de carências e necessidades concretas e fisiológicas, sem deixar de satisfazer as necessidades individuais de convivência, educação, cultura, autonomia e criticidade dos envolvidos e a valorização do próprio trabalho. Para isso faz-se necessário uma ação participativa, autogestionária, democrática e autônoma entre seus membros.

Não se pode desconsiderar que nem toda experiência popular de organização do processo de trabalho, objetivando superar o desemprego, é efetivamente solidária. Por isso, “é necessário *separar o joio do trigo*, identificando o caráter das diferentes iniciativas de geração de trabalho e renda: quem são seus atores, quem são seus agentes, que diferentes perspectivas de sociedade orientam os projetos e as práticas das experiências populares.” (TIRIBA, 2001, p.124)

Quanto aos atores da economia popular, podemos considerar que consistem não somente nas pessoas desprovidas da propriedade dos meios de produção, mas também “o conjunto de camponeses, operários urbanos e rurais e demais trabalhadores que não desfrutam, com dignidade, de seu direitos à educação, saúde, habitação, enfim, do direitos mínimos de cidadania [...]” (ibidem, p. 134). Neste grupo encontram-se também, além dos desempregados, trabalhadores e trabalhadoras que permanecem, de forma mais precária, no mercado (assalariado) de trabalho e que estão “cada dia mais empobrecidos” e os pertencentes às classes “marginais” que buscam dentro de formas lícitas (ou ilícitas) garantir sua sobrevivência. Enfim, são atores deste subsistema todos aqueles que ameaçados ou prejudicados pelo sistema capitalista, movimentam-se para,

⁷ Compartilhamos da idéia de Coraggio(1997) que defende que , dada a complexidade do cenário atual, a economia estaria dividida em três subsistemas: economia empresarial-capitalista, economia pública e economia popular. A respeito disso ver: Coraggio (1991 e 1997) e Tiriba (2001).

através de sua capacidade de trabalho e utilizando-se dos poucos recursos existentes, buscar, de forma organizada e associativa, gerar meios de subsistência e sobrevivência.

Quando nos referimos aos agentes da economia popular solidária, entendemos que este consiste em um universo muito complexo e que não será neste momento explicitado detalhadamente. Além de ações governamentais e empresarias, fazem parte destes agentes as iniciativas religiosas, as das organizações não-governamentais e dos sindicatos, que buscam agir sobre o movimento e intervir, o que geralmente não é positivo. Esta relação de “apoio” oferecido por estes agentes deve ser evitada uma vez que pode descaracterizar a economia popular solidária como uma tentativa de superação das relações capitalistas de produção.

“O fato dos trabalhadores se tornarem os proprietários dos meios de produção não necessariamente nos indica a possibilidade de criação de uma nova cultura do trabalho.” (TIRIBA, 2006, p.120) Sendo assim, a autora mostra que a produção associada nem sempre conseguirá se legitimar como trabalho emancipado, mas já conseguirá expressar uma resposta dos trabalhadores frente à ótica alienante.

A produção associada é uma maneira de organizar o trabalho dentro de uma perspectiva de economia popular solidária. Ela surgiu na década de 80 como afirma LEITE (2009, p.32), por “um conjunto de movimentos empunhados por trabalhadores que perderam seus empregos e que não conseguiram se reinserir no mercado de trabalho ou, ainda, por aqueles que sempre viveram na informalidade”.

Não menos importante é também a produção de saberes construídos dentro deste processo de trabalho, onde os envolvidos produzem cultura e saberes através de suas práticas existentes, da apropriação coletiva dos meios de produção, pela divisão igualitária dos resultados do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes⁸ da produção associada e aos rumos da produção.

Fischer e Tiriba complementam explicando mais especificamente o termo saber(es) do trabalho associado:

O termo diz respeito ao conjunto de habilidades, informações e conhecimentos originados do trabalho vivo, tecidos na própria atividade de trabalho e engendrados e acumulados ao longo da experiência histórica dos trabalhadores e trabalhadoras que se associam de forma autogestionária na produção de bens e serviços, contrapondo-se à lógica do sistema capital. Abrange os saberes formalizados nos fóruns coletivos que articulam as experiências de trabalho associado, bem como no âmbito da pesquisa e

⁸ Neste caso os excedentes dizem respeito às sobras da produção associada visto que o objetivo destes grupos não é a mais valia e sim a reprodução da vida.

produção científica do conhecimento acerca das dimensões técnicas, políticas, econômico-filosóficas e culturais do fazer/pensar/refazer o cotidiano do trabalho associado e sua relação com o processo mais amplo de produção da vida social. (FISCHER e TIRIBA, apud CATANI, 2009)

Embora muitas vezes possa não haver um esforço para sistematização do conhecimento, ele acontece naturalmente através das mais diversas experiências e reflexões vivenciadas no decorrer do trabalho. A partir desta ótica de produção de saberes gestados no interior do trabalho associado, ponderamos sobre uma possível pedagogia da produção associada:

Para refletir sobre os fundamentos de uma pedagogia da produção associada, consideramos pelo menos três premissas teórico-práticas. A primeira é que, na busca incessante para ganhar o pão de cada dia, o trabalho torna-se não apenas um princípio educativo, mas também um fim educativo. Os trabalhadores têm aprendido na “escola da vida” que não tem sido suficiente reivindicar do Estado seus direitos mínimos de cidadania. O abandono do Estado em relação às necessidades básicas de alimentação, moradia, educação etc. tem influenciado na construção de uma cidadania ativa – que vai mais além do protesto e da reivindicação. A segunda premissa é que, mediante a práxis, os seres humanos constroem a realidade humano-social. Inclusive não tendo acesso à escolarização básica, a estrutura da divisão do trabalho – incluindo, aí, os processos de discussão, participação e decisão – é o que vem permitindo ampliar, em maior ou menor grau, os saberes sobre o mundo do trabalho e a vida em sociedade. Assim como para a pedagogia da fábrica (Kuenzer, 1986), na medida em que os integrantes destas unidades econômicas aprendem os conhecimentos específicos para produzir os bens materiais para sua sobrevivência, aprendem também os valores, os comportamentos que são necessários para o estabelecimento de determinadas relações de produção. O terceiro pressuposto é que, como nos indica Razeto (1993), nenhuma economia se torna solidária porque as pessoas tornam-se boas ou generosas, mas quando o trabalho e a comunidade tornam-se os fatores que determinam os demais fatores da produção. A solidariedade somente pode se tornar um valor real na medida em que ela se incorpore na própria organização do trabalho. (TIRIBA, 2007, p.92 a 93)

Portanto a educação popular não almeja apenas que os trabalhadores associados assimilem, de maneira condicionada, regras e pressupostos filosóficos e políticos de uma nova economia. Mas que eles sejam personagens vivos deste processo. Sujeitos que construam e reconstruam histórias e saberes, no constante fazer-se do trabalho associado.

As rapadureiras de Bonsucesso, como o próprio título do nosso trabalho indica, são personagens vivas desta construção de saberes, vindo ao encontro da nossa proposta de reflexão que consiste, não em trazer respostas engessadas quanto o trabalho associado e as produções de saberes, mas sim de frutificar pequenas discussões a cerca das pedagogias da produção associada.

As Rapadureiras de Bonsucesso: Personagens Vivas de uma Produção Associada

As rapadureiras de Bonsucesso são personagens tradicionais do 1º distrito de Várzea Grande, localizado no estado de Mato Grosso. Delmira Gonçalves Forte (a Dona Buguela), de 73 anos e Dona Teolina Gonçalves de Miranda, de 78 anos, vêm de uma família de 04 irmãos onde todos se dedicaram a produção de rapaduras. No entanto somente as duas irmãs e um irmão deram continuidade à tradição, juntamente com alguns familiares⁹. Ambas gostam muito do que fazem e afirmam que “não saberiam fazer outra coisa que não fosse produzir rapaduras”. Com muita dificuldade, devido à idade e a “falta de interesse dos jovens” as “rapadureiras de Bonsucesso” buscam preservar a cultura e a produção de saberes com o trabalho associado ali existente.

Nascidas e sempre residentes no município, aprenderam o ofício com o pai que já mantinha a família com esta atividade e se preocupou em passar para os filhos tudo o que sabia. Toda a família trabalhava na produção e realizavam, desde o plantio da cana-de-açúcar até a produção e venda da rapadura.

Dentro desta produção não há geração de lucros exorbitantes e nem exploração de uns em detrimento de outros. Todos os familiares trabalham igualmente, tomam decisões democraticamente, fazem seus horários, dividem as despesas e os excedentes produzidos no engenho, garantindo assim a manutenção da vida.

Dona Buguela, a mais reservada, mora a 100 metros da irmã Dona Teonila. Iniciou sua vida trabalhando para os outros e depois decidiu que não faria mais isso, decidindo produzir por conta própria. Dona Buguela relata que era muito explorada quando era trabalhadora assalariada. O marido, falecido há 11 anos também trabalhava na produção das rapaduras. Após a sua morte, dona Buguela teve que criar os três filhos sozinha e ensinou a todos o ofício. Hoje somente um filho trabalha na produção de rapaduras com a mãe, os outros dois trabalham com a pesca e preparo de peixe, também situados no distrito e também sob uma ótica de trabalho associado. Dona Buguela conta que cada irmão trabalha com sua família. Cada um possui seu engenho, onde moem, fervem, moldam e secam o doce que é feito basicamente a partir do caldo de cana. Os engenhos ficam localizados próximos a casa e é onde se realiza tanto o processo de

⁹ O irmão não foi encontrado nos dias em que ocorreu a pesquisa, mas também vive da produção de rapaduras, juntamente com a sua família, conforme relato das irmãs.

produção como o de venda das rapaduras que custam R\$3,00 (700gr). A discreta senhora estudou até o exame de admissão (quinta série hoje) e afirma que sua distração favorita é ir à missa, hábito que possui desde nova.

Dona Teonila, a irmã mais velha aparenta ser a mais desinibida, sempre com um sorriso no rosto, fez questão de explicitar a importância da produção de saberes do trabalho para que a tradição não se perca e afirma: “atendo a freguesia para não acabar com a tradição”.

Uma coisa que a chateia é a falta de interesse das crianças em aprender o ofício e afirma: “Ouço na TV que dar trabalho para criança é trabalho escravo [...] pra mim trabalho é educação e este trabalho não é escravo porque a criança tá no sítio e tá aprendendo alguma coisa pra mais tarde.”

Nota-se no singelo discurso de Dona Teonila a preocupação com a produção de saberes no e para o trabalho. Como possui uma idade avançada teme que a tradição não continue, devido o desinteresse dos jovens da comunidade, pois os mais velhos conservam as tradições e práticas da produção de maneira artesanal e os mais novos da família, que poderiam colaborar para o fortalecimento da prática, não possuem interesse.

Entre os motivos deste desinteresse dos jovens estão a ilusão de que trabalhar em uma produção maior emergida na ótica capitalista pode ser melhor e a desvalorização da produção associada pela sociedade. Com isso, sentem-se desencorajados a assumirem o compromisso com os avós.

Fica claro que, devido o desenvolvimento urbano e industrial, novos interesses impostos pela sociedade capitalista, surgem como “isca” para que os jovens não se apropriem do trabalho desenvolvido pelos seus antecessores, sendo esta uma preocupação recorrente. O capitalismo operacionaliza mecanismos ideológicos no sentido de produzir uma “falsa sensação de liberdade” fazendo com que o indivíduo, inconscientemente, deixe-se levar pela ótica deste grande mercado, cuja mão, Adam Smith dizia ser *invisível*.

O comportamento individualista como chave do capitalismo, se mostra como uma saída para a satisfação de desejos que não se enquadram em uma perspectiva coletivista e solidária. Nesta perspectiva, a economia popular solidária perde sentido para os mais jovens que estão mais diretamente envolvidos com esta lógica que nos envolve.

Mesmo sem um conhecimento formal Dona Teonila reconhece a importância do trabalho como elemento necessário para formação da vida. Para ela “sem trabalho não há vida”, assim como aponta Tiriba (2009, p.01): “em seu sentido ontológico, o trabalho é entendido como mediação dos seres humanos com a natureza, sendo elemento central da formação humana”.

O afilhado de 9 ou 10 anos , segundo a entrevistada que não teve certeza em responder, vive com a família desde os 02 anos de idade, é o que lhe dá mais alegria, por manifestar interesse em aprender o ofício, sendo a esperança para a cultura da produção de rapaduras continuar na família. O menino cresceu dentro do engenho vendo os padrinhos obterem seu sustento através deste trabalho e sempre ajudando quando possível. O marido, com 79 anos é também o seu braço direito na produção de rapaduras e vive, além das atividades da fornalha da pecuária local. Ele também afirma ser feliz no que faz.

Fica evidente nas observações e entrevistas realizadas o prazer que as rapadureiras de Bonsucesso têm em produzir dentro de uma ótica de economia popular solidária, onde o trabalho não é visto como um sacrifício, mas como produção da própria vida, como algo inerente, interno, natural. Ao analisar este fato nos remetemos a um trecho escrito por Marx que critica o trabalho dentro da ótica capitalista e mostra como ele se torna para o que o realiza algo sem sentido e sem significado:

O seu trabalho não é, portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. [...] Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo no qual o homem se exterioriza, é um trabalho e auto-sacrifício, de mortificação. (MARX, 2004, p.83)

O homem ao exercer o trabalho como algo externo e não inerente a sua prática social e à sua vida perde totalmente o sentido de pertencimento, o que já não ocorre na produção associada, onde o trabalhador é personagem vivo de seu trabalho que é visto como algo próprio da natureza humana. Observa-se nas falas das duas irmãs que o trabalho não é visto como um sacrifício, ou algo exploratório, mas como algo prazeroso inerente à atividade familiar e que produz reflexões e saberes.

Gramsci em seus escritos defende a importância dos diferentes tipos de conhecimento, quer seja o conhecimento produzido pelo homem no trabalho ou o conhecimento humano em geral; afirmando que trabalho e saberes são indissociáveis.

Para ele: “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*.” (2006, p.53)

Um dos problemas observados durante a realização da pesquisa juntamente com as rapadureiras de Bonsucesso é a baixa escolaridade dos homens e mulheres envolvidos na produção da rapadura, o que pode significar, um obstáculo para a legitimação e fortalecimento de sua prática.

É fato que não podemos desmerecer todo o conhecimento advindo do grupo pesquisado, mas observa-se a necessidade do saber sistematizado, um saber intelectual que se materialize pela educação popular dentro da escola. Um saber que compreenda, valorize e estimule a prática da produção associada.

Este saber, aliado a prática advinda do trabalho poderia auxiliar no fortalecimento da economia popular solidária, enquanto alternativa de vida para homens e mulheres que não se escravizam ao que o mercado capitalista determina como necessidade, e poderia também fomentar os jovens a valorizarem mais a produção resultante do trabalho seu povo. No entanto, vale ressaltar que talvez a educação que é oferecida na escola atualmente não cumpriria também este papel, uma vez que ela está inserida em uma perspectiva individualista e competitiva onde não há espaço para discussões a cerca de uma formação para uma economia popular solidária como esclarecem Fischer e Tiriba¹⁰(2009):

A educação/formação em economia (popular) solidária contrapõe-se aos projetos educativos do capital, os quais se apresentam nas formas de educação para a empregabilidade (para tornar vendável a força de trabalho no mercado), educação para empreendedorismo (para estimular a “gestão do próprio negócio”) e educação para o (falso) cooperativismo (para garantir a nova cadeia produtiva requerida pela acumulação flexível).

Com concepções diferenciadas da educação inserida para o capital, a pedagogia da produção associada, como já foi mencionada anteriormente, apresenta-se como um campo onde teoria e prática visam ao estudo e à concretização dos processos educativos cujos objetos de ação e pesquisa são a socialização, produção, mobilização e sistematização de saberes voltados ao fortalecimento de atividades econômicas fundadas na autogestão do trabalho e da vida em sociedade, contribuindo para a formação humana omnilateral e emancipação da classe trabalhadora (TIRIBA, 2001 e 2004).

¹⁰ A respeito disso ver TIRIBA e FISCHER em “Saberes do trabalho associado” disponível em CATTANI, LAVILLE, GAIGER, e HESPANHA, em “Dicionário Internacional da Outra Economia”. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p. 293-298.

Estar contido dentro de uma produção associada consiste em muito mais do que apenas trabalhar coletivamente. Fica evidente nas pesquisas de campo realizadas que este é um campo onde muitos saberes estão inseridos. Saberes estes indissociáveis da prática e que constroem e reconstroem a realidade histórica-social. Tiriba (2001, p. 375) esclarece esta afirmação dizendo que: “A constituição do sujeito trabalhador, em sua relação com um bem econômico, com os demais trabalhadores, com a natureza e com a sociedade, consiste na síntese dialética do seu processo de reflexão e inserção na vida real.”

Considerações Finais

Com base na pesquisa realizada junto às rapadureiras de Bonsucesso, podemos refletir um pouco mais sobre o significado da economia popular solidária e a importância do trabalho associado para a formação humana e a produção de saberes para e no trabalho. Saberes que fogem da lógica capitalista e do sistema escolar, mas que nem por isso são menos significativos. Muito pelo contrário, são conhecimentos extremamente importantes e que mantêm vivos as crenças, as práticas, os usos e costumes dos setores populares.

Com a crise do desemprego, a produção associada surge como “uma nova concepção de trabalho, de vida e de mundo” (Tiriba, 2001). Portanto entendemos que o trabalho associado além de consistir em uma estratégia de sobrevivência e de oposição ao processo de reestruturação produtiva, nos possibilita uma reflexão acerca do retorno da relação entre trabalho e educação, casamento este desfeito pela lógica capitalista e que ressurge a partir desta organização do processo de trabalho.

Entendemos, a partir das reflexões anteriormente formuladas, que o trabalho nestas comunidades consiste em uma práxis, onde saber e fazer são indissociáveis. O consumismo, a ambição, a competitividade, a produção controlada e o individualismo são substituídos pela solidariedade, pela autogestão, pela troca de saberes, pela manutenção da vida e da cultura e pelo prazer de se fazer o que gosta, sem se preocupar com a lucratividade individual.

A produção associada muito mais que um campo de oposição a exploração capitalista, se constitui em um movimento onde história, dialética, contradição, solidariedade, cultura, saberes e trabalho se encontram. Por isso, não podemos ignorá-la

como se simplesmente não existisse ou não se constituísse enquanto contraponto aos ditames neoliberais.

Embora os setores populares não tenham acesso à economia verdadeiramente elaborada e enquanto uma ciência existe todo um saber popular que precisa ser resgatado e aproveitado. Um saber que foge àquele oferecido por uma educação cujo objetivo é nos ajustar às “necessidades do mercado”.

A partir das leituras realizadas, percebe-se um grande aumento da produção associada em detrimento do trabalho assalariado por todo país, o que mostra a degradação em que se encontram as atuais relações de trabalho assalariado e a necessidade da classe popular em dar uma resposta ao caos instalado.

Reconhecer as rapadureiras de Bonsucesso como personagens vivas de uma produção associada nos possibilitaram uma discussão inicial acerca do tema, mas que não se dá por encerrada, tendo em vista a complexidade desta realidade, o que nos exige um acompanhamento, reflexão e análise mais aprofundado. Neste sentido percebemos que o materialismo histórico nos fornece uma visão da totalidade que envolve este processo social. Assim, esperamos ter contribuído para o avanço das discussões sobre economia popular solidária, trabalho associado e produção de saberes. Discussão esta de grande relevância, para aqueles que se utilizam do materialismo histórico como uma categoria explicativa de realidade.

Muitas questões suscitadas durante a realização da pesquisa empírica merecem um estudo mais aprofundado, mas devido aos limites deste trabalho e do estágio atual de nossa pesquisa, ficarão para outra oportunidade. Dentre essas questões, cumpre destacar: a visão/relação dos jovens com o trabalho associado, as perspectivas dos jovens frente o seu futuro na comunidade, o trabalho feminino e outros grupos que vivem na região e que seguem a lógica de economia popular solidária, visto que, segundo as entrevistadas a maioria da população garantem a reprodução ampliada da vida através do trabalho associado: produção de viola de cocho, pesca e preparo de peixes, produção de doces, confecção de artefatos de barro e de outros artesanatos.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? São Paulo, Ed. Cortez, 1995

CATANI, Antonio David. Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico, Ptrópolis: Vozes, 1997.

CATTANI, LAVILLE, GAIGER, e HESPANHA. Dicionário Internacional da Outra Economia. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

FRIGOTTO, G. Trabalho, Educação e Tecnologia. In: SILVA, T. Trabalho, Educação e Prática Social. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

GORZ, A. Adeus ao proletariado. Rio de Janeiro. Forense, 1982

HARVEY, DAVID. Condição Pós-Moderna. São Paulo, Edições Loyola, 2007.

IAMAMOTO, M. V. Trabalho e indivíduo social: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista. 3º ed. – São Paulo, Cortez, 2008.

LEITE, M. de P. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 24. n. 69, 2009.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. O Capital. Livro 1, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, K; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Global, 1981

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2007.

OFFE, C. Trabalho como categoria sociológica fundamental? *In*: Trabalho e sociedade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1989.

SCHMITZ. V.R. O trabalho associado e a produção de saberes: um diálogo com a Associação do Trabalhador Urbano de Recicláveis Orgânicos e Inorgânicos – ATUROI. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

TAVARES, M. A. Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo. Cortez, 2004.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

TIRIBA L. Economia Popular e Cultura do Trabalho: Pedagogia(s) da Produção Associada, Ijuí: UNIJUI, 2001.

_____. Educação Popular e Pedagogia(s) da Produção Associada, Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 85-98, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

_____. Brincando de casinha: Fragmentos de economia, cultura e educação. In, Frigotto, G. e Ciavatta, M.: A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Tempos de ócio e de trabalho em tempos de desemprego. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119131.htm>

_____. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 69-94, jan./jun. 2008.

_____. Ciência econômica e saber popular: reivindicar o “popular” na economia e na educação. 2004.

_____. & PÍCANÇO, Iracy. Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

TIRIBA, L. e FISCHER, M. C. B. Saberes do trabalho associado . In CATTANI, Antonio D., LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luis Inácio e HESPANHA, Pedro. Dicionário Internacional da Outra Economia. Coimbra: Editora Almedina, 2009.